

EXPRESSÕES POLÍTICAS DO MAL-ESTAR
JUVENIL: ABORDAGENS EXPLORATÓRIAS DA
SITUAÇÃO NA ARGENTINA NOS ÚLTIMOS ANOS

*EXPRESIONES POLÍTICAS DE LOS
MALESTARES JUVENILES: ACERCAMIENTOS
EXPLORATORIOS A LA SITUACIÓN DE LA
ARGENTINA EN LOS ÚLTIMOS AÑOS*

*POLITICAL EXPRESSIONS OF YOUTH DISCONTENT:
EXPLORATORY APPROACHES TO THE
SITUATION IN ARGENTINA IN RECENT YEARS*

*Pablo VOMMARO**

RESUMO: O resultado das eleições presidenciais de 2023 na Argentina gerou diversas reações e debates. Entre surpresa, preocupação, perplexidade e entusiasmo, as sensações e conversas públicas dos últimos meses de 2023 foram resolvidas. O que surpreendeu nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (PASO) de agosto tornou-se um clima que oscilou entre a confusão e a esperança nas primeiras rodadas em outubro e numa comoção cujos ecos ainda se fazem sentir quando, em novembro de 2023, Javier Milei foi eleito presidente da Argentina. Diante desta situação, pensamos que é necessário aguçar o esforço de compreensão para compreender a dinâmica da situação política argentina e os elementos que levaram à atual situação política e social, que também está enquadrada em disputas e correntes regionais e globais. Com base no nosso trabalho de pesquisa nos últimos anos e na crescente relevância que tiveram na consolidação dos resultados do processo político na Argentina e em outros países da região, neste artigo nos concentraremos

* Universidad de Buenos Aires (UBA), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Buenos Aires, Argentina. Profesor e investigador en las Facultades de Ciencias Sociales y de Filosofía y Letras de la UBA. Doctor en Ciencias Sociales y Profesor de Historia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6957-0453>. Contact: pvommaro@yahoo.com.ar

nas realidades dos jovens que se tornaram visíveis a partir do Resultados eleitorais de 2023 Assim, identificaremos seis dimensões que compõem as complexas realidades juvenis invisíveis que surgiram no final de 2023 na Argentina. São elas: a precariedade material e subjetiva, a vivência dos jovens em pandemia e seus ecos no presente, o mundo digital e seus impactos no trabalho, as disputas por sentido nos territórios digitais, o desencanto com experiências políticas anteriores e o afetivo e emocional componente da votação de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Política. Juventude. Descontentes. Ultradireita. Argentina.

RESUMEN: *El resultado de las elecciones presidenciales de 2023 en la Argentina generó diversas reacciones y debates. Entre la sorpresa, la preocupación, el desconcierto y el entusiasmo se dirimieron las sensaciones y conversaciones públicas de los últimos meses de 2023. Lo que sorprendió en las Primarias Abiertas Simultáneas y Obligatorias (PASO) de agosto se convirtió en un clima que osciló entre la confusión y la esperanza en la primera vuelta de octubre y en una conmoción cuyos ecos aún se sienten cuando en noviembre de 2023 resultó electo presidente de la Argentina Javier Milei. Ante esta situación, pensamos que es necesario agudizar el esfuerzo de comprensión para entender las dinámicas de la coyuntura política argentina y los elementos que llevaron a la actual situación política y social, que se enmarca también en disputas y corrientes regionales y mundiales. A partir de nuestros trabajos de investigación en los últimos años y de la relevancia creciente que han tenido en dirimir los resultados del proceso político en la Argentina y en otros países de la región, en este artículo pondremos el foco en las realidades de las y los jóvenes que se visibilizaron a partir de los resultados electorales de 2023. Así, identificaremos seis dimensiones que componen las complejas realidades juveniles invisibilizadas que irrumpieron a finales de 2023 en la Argentina. Éstas son: la precarización material y subjetiva, la experiencia de las y los jóvenes en pandemia y sus ecos en el presente, el mundo digital y sus impactos en el trabajo, las disputas de sentido en los territorios digitales, el desencanto con experiencias políticas anteriores y el componente afectivo y emocional del sufragio en la actualidad.*

PALABRAS CLAVE: Política. Juventudes. Descontentos. Ultraderecha. Argentina

ABSTRACT: *The result of the 2023 presidential elections in Argentina generated diverse reactions and debates. Between surprise, concern, bewilderment and enthusiasm, the public feelings and conversations of the last months of 2023 were decided. What was surprising in the Simultaneous and Mandatory Open Primaries*

(PASO) in August became a climate that oscillated between confusion and hope in the first round in October and a shock whose echoes are still felt when Javier Milei was elected president of Argentina in November 2023. Given this situation, we believe it is necessary to intensify our efforts to understand the dynamics of the Argentine political situation and the elements that led to the current political and social situation, which is also framed in regional and global disputes and currents. Based on our research work in recent years and the growing relevance they have had in resolving the results of the political process in Argentina and in other countries in the region, in this article we will focus on the realities of young people who became visible because of the 2023 election results. Thus, we will identify six dimensions that make up the complex, invisible youth realities that emerged at the end of 2023 in Argentina. These are: material and subjective precarization, the experience of young people in the pandemic and its echoes in the present, the digital world and its impacts on work, disputes over meaning in digital territories, disenchantment with previous political experiences and the affective and emotional component of voting today.

KEYWORDS: *Politics. Youth. Discontent. Far right. Argentina.*

Apresentação

O resultado das eleições presidenciais de 2023 na Argentina gerou várias reações e debates. Entre surpresa, preocupação, perplexidade e entusiasmo, as sensações e conversas públicas dos últimos meses de 2023 foram resolvidas. O que foi uma surpresa nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (PASO) em agosto se transformou em um clima que oscilou entre confusão e esperança no primeiro turno de outubro e uma comoção cujos ecos ainda são sentidos quando Javier Milei foi eleito presidente da Argentina em novembro. Até 2021 ele não desempenhou nenhuma função pública, era conhecido apenas como palestrante de televisão ou economista com performances extravagantes e explosões na mídia.

Diante dessa situação, acreditamos que é necessário intensificar o esforço para compreender a dinâmica da situação política argentina e os elementos que levaram à atual situação política e social, que também está enquadrada em disputas e correntes regionais e globais. De fato, a ascensão da chamada nova direita¹ é um

¹ Há controvérsias sobre como chamar esses grupos políticos autoritários, regressivos, excludentes e anti-direitos que cresceram em vários países, chegando ao governo em alguns. Bolsonaro, Bukele, Trump e agora Milei são expoentes desses processos na América. As diferentes formas de nomeá-los podem ser devidas a dois elementos, acima de tudo. Por um lado, às suas singularidades nacionais ou regionais. Por exemplo, elementos como xenofobia, discurso anti-imigrante, nacionalismo e políticas securitistas têm pesos diferentes em cada caso. Por outro lado, um esforço para entender isso ainda

fenômeno que supera as realidades da América Latina e do Caribe e se estende à Europa e aos Estados Unidos, entre outras regiões. É importante considerar que esses grupos ganharam força a partir das limitações e do esgotamento de alguns governos, da chamada onda progressista do início do século XXI e dos modos de exercício democrático construídos nas últimas décadas – aprofundamento das desigualdades sociais – e hoje estão à espreita e buscam condicionar governos que proponham mudanças progressistas (Vommaro, 2024).

Com base em nosso trabalho de pesquisa nos últimos anos e na crescente relevância que tiveram na liquidação dos resultados do processo político na Argentina e em outros países da região, neste artigo nos concentraremos nas realidades dos jovens que se tornaram visíveis a partir dos resultados eleitorais de 2023. Embora devamos voltar aos anos anteriores para traçar suas principais características. Este texto é uma síntese do trabalho anterior da autora e inclui a análise de entrevistas realizadas com jovens que participam de diferentes espaços organizacionais entre 2020 e 2023 no âmbito do Grupo de Estudos de Políticas e Juventude (GEPoJu-IIGG/UBA) e a Cátedra de Sociologia da Infância, Adolescência e Juventude da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires.

Respondendo à síntese necessária exigida por este artigo, após uma menção à situação na Argentina nos primeiros meses do governo de Milei, identificaremos seis dimensões que compõem as complexas realidades invisíveis da juventude que irromperam em cena no final de 2023 na Argentina.

Em seus primeiros sete meses no cargo, Milei exerce dois elementos como conquistas econômicas: a queda da inflação e o superávit fiscal. Além da forte matriz liberal (e neoliberal) que implica ver esses dois fatores como sucessos sem falar na redução da pobreza, menos ainda das desigualdades, no aumento da produção ou na melhoria da qualidade de vida da população ou dos trabalhadores; muitos analistas argumentam que o outro lado desses fenômenos é um aumento acentuado na deterioração das condições de vida da maioria da população. Quanto ao superávit fiscal, muitos economistas afirmam que é falso ou é modelado ao gosto do presidente Milei, pois foi alcançado com base no adiamento de pagamentos, na geração de mais dívidas e na restrição de importações.

Da mesma forma, a queda da inflação foi possível, em grande parte, graças a uma grande recessão econômica que fez com que a atividade econômica e as vendas fossem reduzidas entre 25 e 70% em 3 ou 4 meses, dependendo dos itens em

está em andamento e que certamente requer diferentes iniciativas que possam convergir em uma interpretação mais abrangente desse fenômeno faz com que as formas de nomeá-lo não encontrem consenso. Aqui nos basearemos nas denominações que aparecem no livro coordenado por Pablo Semán (2023) onde esses grupos são nomeados como nova direita, direita radical e extrema direita, sem ignorar que em outras situações esses grupos podem ser nomeados como neofascistas. Apenas como exemplo de outra forma de nomeação, Enzo Traverso (2021) nomeia esses grupos como as *novas faces da direita*.

questão. Além disso, itens de investimento social como os destinados à população com deficiência, doenças crônicas, refeitórios e ensino superior, entre outros, foram reduzidos ou eliminados. Ele também fechou ministérios estratégicos e necessários, como Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação, Meio Ambiente ou Mulheres e Diversidades.

Por exemplo, o economista Julio Gambina (2024, n.p.) argumenta que “a questão da recessão é agravada pela diminuição do poder de compra da população”, que “há uma recessão crescente” e que “há muita incerteza em relação à taxa de câmbio”. Não esqueçamos que resolver a questão do dólar foi um dos eixos da campanha de Milei e, a partir de agosto de 2024, constitui uma de suas promessas não cumpridas.

Entre os indicadores sociais e econômicos negativos dos primeiros 6 meses do governo de Javier Milei, destacamos que o nível de desemprego é o mais elevado desde 2020 (ano da pandemia), situando-se em 7,7% (em abril de 2024), contra 6,9% no período homólogo de 2023 (INDEC, 2024). De acordo com vários estudos, na primeira metade do atual governo, foram perdidos pouco mais de 150.000 empregos, mais de 70% dos quais são privados (dados do Sistema Integrado de Previdência Argentino (SIPA), publicados por Reina em 2024). No que diz respeito à pobreza, outros estudos indicam que somente no primeiro trimestre do governo de Milei, 3,2 milhões de novos pobres foram adicionados na Argentina e a taxa de pobreza passou de 45% em novembro de 2023 para mais de 50% em abril de 2024 (Observatorio de Deuda Social de la UCA, 2024).

Por outro lado, discursos violentos, autoritários e odiosos cresceram na conversa pública argentina, incentivados justamente pela própria figura presidencial. E, no mesmo sentido, tudo o que se relaciona com a esfera pública e com as redes comunitárias e territoriais e as redes organizacionais são alvo de ataques que buscam enfraquecê-las, se não as destruir. De fato, o público e o comum são objetivos a serem minados pelo governo de Milei e esse talvez seja um dos pontos que terá os efeitos mais duradouros entre as políticas que pretende impor (Vommaro, 2024).

Em suma, a liquefação salarial, o aumento da pobreza, o desprezo pelo público e altas doses de ódio poderiam ser o resumo dos primeiros meses do governo de La Libertad Avanza (Arcidiácono; Luci, 2024; Graña, 2024).

Depois de sintetizar um possível quadro da situação atual da Argentina, avançaremos em uma breve explicação de cada uma das seis dimensões selecionadas para este artigo, com foco na situação dos jovens².

² Para ampliar essas dimensões, você pode consultar a nota *Muy hablados, poco escuchados*, publicada na Revista Anfibia em 31 de outubro de 2023, pelo mesmo autor deste artigo e disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>.

Vidas precárias no material e no subjetivo

Esse processo ocorre na Argentina desde pelo menos 2014 e se aprofundou nos últimos anos, tanto pelas políticas adotadas por quem governou entre 2015 e 2019, quanto pelas consequências da pandemia, que não foram suficientemente neutralizadas, pelo menos no que diz respeito aos jovens. Alguns números podem ajudar a mostrar isso. Em 2021, a taxa de pobreza era de 48% para pessoas de 15 a 29 anos, enquanto era de 36% para a faixa etária de 30 a 64 anos (INDEC, 2022). No mesmo sentido, também para 2021, o desemprego geral foi de 10,2%, enquanto para as pessoas de 16 a 29 anos foi mais que o dobro (21%).

A deterioração material da vida dos jovens também se baseia em suas condições de trabalho, marcadas por uma precariedade crescente. Além das altas taxas de trabalho precário (se somarmos o trabalho não registrado e a precariedade, são 66,4% para trabalhadores entre 16 e 18 anos e 31,3% para maiores de 18 anos), uma situação que tem aumentado nos últimos anos é a de trabalho registrado com condições degradadas e salários que não são suficientes para superar a linha da pobreza. Ou seja, é cada vez mais comum que as pessoas tenham um emprego registrado que esteja ao mesmo tempo em condições precárias. Muitos jovens estão nessa situação; portanto, hoje o principal problema para os jovens são as condições de trabalho e não tanto o desemprego. *O Rappi de Milei* (orgulhosamente dito) mostrado por Melina Vázquez (2023) é uma expressão desses jovens precários cuja experiência material transformou (como esperado) suas adesões e compromissos políticos.

A situação descrita está entrelaçada com a degradação das condições de muitos bairros populares, com serviços deficientes, falta de transporte público que restringe sua mobilidade e poucos espaços de encontro e socialização para os jovens que não são comercializados. Ou seja, desigualdades e redes multidimensionais que configuram experiências geracionais em que a maioria dos jovens produz seus mundos de vida.

Para esses jovens, falar sobre a defesa dos direitos e da esfera pública pode parecer distante e até irritante porque eles o veem divorciado de sua experiência cotidiana, algo que outros podem gostar, mas que não os impacta em suas vidas imediatas. Sem dúvida, é necessário fortalecer a esfera pública e garantir plenamente os direitos da maioria antes de levantar discursos que busquem defendê-los ou protegê-los (Vommaro, 2023, Vommaro, 2024).

A pandemia ainda ressoa nas experiências de vida dos jovens, mesmo que não seja reconhecida

De fato, a pandemia continua a habitar a vida dos jovens, embora o mundo adulto (e o sistema político) queira negá-la, silenciá-la e esquecê-la. Em todas

as entrevistas que tive com jovens (especialmente os de até 24 anos) a pandemia apareceu como uma experiência geracional que marcou suas vidas, como um evento de carneira e subjetivo. Muito se tem falado sobre os jovens em tempos de pandemia, mas pouco se tem ouvido e reconhecido, para abordar e compreender suas experiências e as formas como seus mundos de vida foram alterados. Como já dissemos noutras ocasiões, fala-se muito dos jovens e ouve-se pouco e a pandemia não foi exceção a este desconhecimento e desvalorização das realidades juvenis pelo mundo adulto e pelo sistema político. No mesmo sentido, os jovens foram um dos grupos sociais cujo impacto da pandemia foi menos reconhecido (Vommaro, 2022).

De fato, muito pouca consideração foi dada às maneiras pelas quais a pandemia interrompeu a vida cotidiana dos jovens (e também das crianças). Por exemplo, em seus modos de sociabilidade e encontro; na virtualização educacional³; nas desigualdades de gênero; nas produções e apropriações territoriais e no teletrabalho e na precarização do trabalho. Pelo contrário, os jovens eram frequentemente responsabilizados pelas infecções ou estigmatizados por quererem conhecer outras pessoas pessoalmente; além de ser assediado, criminalizado e até eliminado fisicamente pelas forças de segurança.

Os dados sobre o suicídio de adolescentes e jovens (que passou de sexta causa de morte para esse grupo social em 2014 para ser a segunda hoje) nos falam de uma realidade pouco reconhecida do mundo adulto, mas que está aí e grita alto para nós. Somos os adultos que não o ouvem.

De acordo com o exposto, a pandemia implicou um período desafiador para os jovens devido à interrupção de suas redes materiais de sociabilidade nas esferas educacional e de lazer. A virtualização forçada dessas redes gerou repercussões negativas nos jovens que não foram profundamente avaliados diante da predominância de visões adultocêntricas do período (Vommaro, 2022).

O fechamento do espaço público e as restrições à mobilidade também dificultaram o encontro dos jovens em geral; mas especialmente para aqueles nos bairros populares, que perderam a esquina, o parque ou a praça como locais de socialização e encontro para compartilhar entre os pares.

De acordo com depoimentos de vários jovens e pesquisas realizadas por diferentes instituições (por exemplo, a Fundação SES, a Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires e a Sociedade Argentina de Pediatria, todas as três de 2020), esse caráter socializador, de contenção e pertencimento ao espaço público não poderia ser totalmente substituído pela virtualidade e pelo mundo digital.

A OIT (2020a, p. 3) fala da juventude pandêmica como uma “geração de confinamento” que foi profundamente afetada por sua diminuição da atividade no

³ De acordo com dados do UNICEF, em 2002, entre aqueles que recebiam o Subsídio Universal por Filho (AUH), 28% não tinham internet para uso próprio e 53% estudavam sem computador (UNICEF, 2020).

mercado de trabalho. Na Argentina, observamos como sua taxa de atividade caiu 7% e a taxa de desemprego cresceu 5% entre 2019 e 2020 (INDEC, 2020). Mais uma vez, são as mulheres e os jovens com credenciais sociais e educacionais mais baixas que são os mais afetados pela retração ocupacional.

Falar sobre desigualdade trabalhista pode ser redundante no capitalismo. No entanto, Harvey (2020) nos mostra uma nova classe trabalhadora (o precariado de que fala Standing (2013)) que carrega o peso da crise, tanto porque é a força de trabalho que corre o maior risco de exposição ao vírus em seu trabalho, seja porque pode ser demitida sem indenização, devido ao recuo econômico e à instabilidade de seus direitos. Diante do teletrabalho, quem pode trabalhar em casa e quem não pode? Quem pode se dar ao luxo de isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou contágio? Isso exacerba as desigualdades multidimensionais, cruzando-se com gênero, território, classe, raça/etnia e geração. Por esse motivo, Harvey (2020, p. 93) chama essa pandemia de “pandemia de classe, gênero e raça”. Com base em nossa análise, poderíamos adicionar “geracional” também.

O adultentrismo é definido por Klaudio Duarte Quapper (2022) como um sistema de dominação que permite o controle e a subordinação dos jovens pelas gerações adultas. Isso se expressa no fato de que os jovens são falados e produzidos pelo mundo adulto, mas muito pouco ouvidos e reconhecidos como produtores. Durante a pandemia, isso se expressou em uma falta de escuta, reconhecimento, consideração e visibilidade das vozes dos jovens na discussão pública que é evidente em pelo menos duas dimensões. Primeiro, a escassa chamada para que os alunos (especialmente no nível secundário e universitário) tomem decisões sobre questões relacionadas à educação e dinâmicas virtuais, presenciais ou híbridas. Dois, a responsabilidade ou culpabilização dos jovens como causa de surtos de contágio em diferentes países e épocas.

A este respeito, um relatório da UNICEF (2021, p. 22) mostra que os jovens “expressam repugnância e desconforto por serem considerados responsáveis pelo abandono do cuidado e propagadores de contágio”, ao mesmo tempo que “sentem que não são ouvidos, que não têm voz nem voto e exigem maior participação e destaque nos protocolos de atendimento escolar”. O mesmo estudo interpreta que “a estigmatização, aliada à percepção de não serem levados em conta como sujeitos com capacidade de agência para transformar e colaborar para a melhoria das condições de vida e de seu ambiente, constituem elementos promotores de identidades desacreditadas que não favorecem a construção da cidadania” (UNICEF, 2021, p. 22).

Embora a pandemia de COVID-19 tenha terminado em 2023, seus efeitos persistem nas esferas econômica, política, social e cultural. Seus estilhaços aludem a novas formas de articulação, mas também às subjetividades emergentes que se

configuraram em uma situação em que os Estados assumiram um lugar central na resolução e gestão das medidas preventivas que foram resistidas por alguns setores da população, fundamentalmente diante da restrição da liberdade de movimento e trabalho. Alguns estudos incipientes (Semán, Welchinger, 2024; Morán Faúndes, 2023) vinculam esses significados ao triunfo do partido libertário de Javier Milei nas eleições presidenciais de 2023 na Argentina. Sem dúvida, esta situação de descontentamento, insatisfação e agitação aprofundou-se no contexto da profunda crise económica após a pandemia, que implicou uma desestabilização da moeda nacional e um crescimento inflacionista que fez recuar os salários da maioria dos trabalhadores.

Assim, os elementos acima descritos configuram uma situação de mal-estar, desconforto, descontentamento e raiva juvenil que busca -e encontra- canais de manifestação nos espaços que conseguem questioná-la e mostrar a capacidade de expressar a ruptura e o almejado grito por basta. (Vommaro, 2024).

Precarização do trabalho e mundo digital: a persistência do associativismo juvenil

Como dissemos, a situação de precarização do trabalho e desigualdades sociais multidimensionais se aprofundou com a pandemia. Ambos os processos convergem na distribuição e redistribuição de bens e mercadorias ligados a aplicações e economias de plataforma, que foi uma das atividades que mais cresceu na situação pandêmica (Adamini, 2023). Esses empregos geralmente empregam jovens⁴, que são aqueles que muitas vezes continuaram trabalhando presencialmente durante a pandemia, sem possibilidades adequadas de atendimento ou proteção.

Esses empregos cresceram ao mesmo tempo que a insegurança no emprego aumentou. Dessa forma, na pandemia (e depois dela) pode ocorrer um paradoxo: que o desemprego juvenil diminua (que atualmente é entre 2,5 e 3 vezes maior que o desemprego geral), mas que esses empregos sejam cada vez mais precários, com menos direitos e condições de trabalho degradadas.

Isso também é demonstrado em um estudo realizado pelo Ministério do Trabalho da Província de Buenos Aires (Argentina) sobre o trabalho em plataformas digitais de entrega, coincidindo com dados da OIT (2020b). De acordo com esses dados, quase dois terços dos trabalhadores desse tipo de atividade (62%) têm menos

⁴ De acordo com um estudo realizado para o Ministério do Trabalho durante 2019, a idade média dos trabalhadores é de 29 anos, sendo que 61,5% dos trabalhadores pesquisados têm entre 20 e 30 anos (López Mourelo; Pereyra, 2020). Estudos de 2020 indicam que cerca de 66% dos trabalhadores pesquisados têm menos de 30 anos de idade, e entre eles 35% têm entre 18 e 25 anos de idade (Haidar, 2020).

de 30 anos e que, em média, trabalham 9 horas por dia em motocicletas ou bicicletas. Além disso, 70% trabalham de segunda a segunda-feira (sem dias de folga definidos) e 97% não têm cobertura de saúde ou riscos ocupacionais.

Em aplicativos como Glovo, Rappi, Pedidos Ya e UberEats, a relação de trabalho empresa-entregador é configurada de forma que as empresas não assumam as responsabilidades legais de empregar quem faz as entregas. Isso inclui a condição de monotributistas dos trabalhadores, a ausência de uma Seguradora de Riscos Ocupacionais (ART) e a falta de estabilidade na forma de contratação, disfarçada por meio de um discurso de flexibilidade e dinamismo, de emprego que se adapte às necessidades do trabalhador e da possibilidade de “ser seu próprio patrão” (Haidar, 2020, pág. 63). No quadro da pandemia, este setor viu o seu trabalho potenciado pelo aumento da procura dos seus serviços e pela sua definição como serviço essencial, o que permitiu a continuidade do seu trabalho presencial, contornando as restrições de mobilidade.

Nessa conjuntura, os jovens trabalhadores desse tipo de aplicação fortaleceram as ações de pelo menos duas organizações pré-existentes: Agrupación Trabajadores de Reparto (ATR) e Sindicato de Trabajadores de Reparto por Aplicación (SiTraRepa) (Camerata, 2023). Ambas as organizações têm alguns pontos em comum, como a inscrição de seus ideais políticos em espaços partidários de esquerda e o uso e apropriação das redes sociais como principal forma de comunicação com os trabalhadores. No entanto, também existem algumas diferenças. A ATR iniciou a sua atividade antes da pandemia (em 2018), enquanto a SiTraRepa foi criada com esta já iniciada, destacando-se de outro grupo, os Jovens Trabalhadores Precários, para se concentrar nos trabalhadores do setor de entregas.

O uso das redes sociais para a organização de movimentos juvenis e ativismo não é um fenômeno novo e, como indicam Palenzuela (2018) e Rivera, De la Barra-Eltit e Rieutord-Rosenfeld (2023), a dimensão política dos espaços digitais e das redes sociais foi aprimorada nos últimos anos, configurando até mesmo modos de organização e associatividade, especialmente entre os jovens. Com a pandemia, esse processo aumentou e, com ele, cresceu a frequência de publicações dessas duas organizações nas redes sociais (Camerata, 2023).

No entanto, o poder das atividades presenciais também cresceu. Por exemplo, as caravanas em que os entregadores ocupam as ruas das principais cidades da Argentina com suas motocicletas, bicicletas e mochilas, tornando visíveis suas demandas e sua própria existência como trabalhadores precários. Isso é acompanhado por chamadas coletivas nas redes sociais, como os “tweetazos” em que o slogan é tentado se tornar viral por meio das hashtags #YoNoReparto e #ParodeRepartidores.

Ambas as organizações mantêm discursos em que a figura do Estado aparece como cúmplice das empresas, endossando a exploração dos trabalhadores. No entanto, o SiTraRepa enfatiza que o Ministério do Trabalho reconhece a organização como

um sindicato legalmente registrado, o que lhe permitiria intervir nas negociações de entrega da empresa e na melhoria das condições de trabalho. Essa ênfase na busca pelo reconhecimento pelo Estado faz com que o discurso do SiTraRepa tenha um sentido esperançoso e mobiliza seus filiados a partir da busca por melhorias em suas condições de trabalho e pelo fortalecimento de suas formas organizacionais.

Essas experiências de organização de jovens trabalhadores precários a partir de economias de plataforma não são incompatíveis com a possível adesão eleitoral ao Milei. De fato, a figura acima mencionada de *El Rappi de Milei* (Vázquez, 2023) mostra que esses modos de associatividade não se traduzem em simpatia eleitoral imediata, embora constituam formas de expressão coletiva do descontentamento que a crescente degradação das condições materiais produz entre os jovens.

Disputas no território digital

Sem dúvida, o crescimento das redes sociais e a intensidade da sociedade digital se manifestaram fortemente nos últimos anos, impulsionados, entre outras coisas, pelas características do capitalismo atual e pela virtualização da vida durante a pandemia. As redes e o mundo digital são hoje um território político em disputa e quem mais o habita são os jovens. Nesse quadro, os grupos da chamada nova direita, libertários ou com tendências regressivas e autoritárias têm demonstrado astúcia e habilidade para disputar sentidos no território digital. E não apenas produzindo *notícias falsas* ou contribuindo para a cultura do cancelamento.

Como aponta Melina Vázquez (2023), para muitos jovens, Milei é um *influenciador* e não uma política. Além disso, o ativismo digital promovido e multiplicado por Milei tem pontos fortes em relação ao de outros espaços políticos ao se mostrar mais autêntico, direto e disruptivo. Um exemplo disso é que o líder carismático tem mais seguidores no Tik Tok do que todos os outros candidatos juntos e que, como aponta Juan Elman (2023), seu crescimento vinha ocorrendo em comunidades digitais anteriores, como a *gamer*. Nisso, também temos que procurar as causas de seu ascendente.

A terceira vez é o charme

Nos últimos oito anos, a sociedade argentina viveu duas experiências políticas fracassadas, que causaram desilusão, desencanto, desconforto, frustração e descontentamento em suas bases eleitorais e em amplos grupos sociais. Tanto os governos de Cambiemos e Macri em 2015-2019, quanto o da Frente de Todos e Alberto Fernández em 2019-2023 são lidos como fracassos por setores em crescimento.

Nesse contexto, nenhuma das duas forças que estiveram ou estão no governo e estão concorrendo às eleições em 2023, o fazem com base na necessária autocrítica exigida pelos eleitores. Propõe-se fazer o mesmo que em 2015, só que mais rápido e com mais determinação ou força. O outro quer que esqueçamos a atual gestão não financiada e lembremos o quão bons (ou não ruins) éramos antes de 2015. Sem dúvida, nenhum dos dois discursos é sedutor para os jovens.

Assim, não deve ser surpreendente que surja uma terceira opção que difere fortemente das duas anteriores, que essa opção se articule com um anseio por algo novo que rompa com a inércia das desilusões e que sejam os jovens que aderem com maior entusiasmo a essa possibilidade. Diante de um Estado (ou de um sistema político) que abandonou a sociedade em vários aspectos, não é de se estranhar que a própria sociedade se rebele contra a institucionalidade abandonista e até prefira dar um salto no vazio que zera o sistema do que continuar com uma situação percebida como atolada que mostra sinais de esgotamento cada vez mais evidentes. Como propõe Nacho Muruaga (2023), uma das palavras-chave para entender um dos componentes do voto em Milei é insatisfação.

Concordamos com Grimson (2024) quando argumenta que a crise de representação que vinha incubando na Argentina devido ao fracasso dos dois governos anteriores abriu a porta para a irrupção de um líder disruptivo, que seduziu com sua provocação para virar o tabuleiro de xadrez político de cabeça para baixo. Assim, a sociedade argentina acabou submetida ao bombardeio diário de medidas que reformatam a economia e a um governo que insulta feministas, *esquerdistas*, *piqueteros*, artistas populares, funcionários públicos, líderes políticos e jornalistas.

Nesse mesmo sentido, é importante olhar para as disputas que vêm ocorrendo devido à mudança significativa na Argentina e na região. Tanto em 2015 quanto em 2023, os setores que se reconhecem como mais progressistas ou populares (talvez com exceção de Juan Grabois, que também despertou entusiasmo em muitos jovens⁵) estão sendo presos do lado da conservação, da defesa do estado de coisas ou da promessa de um retorno a um passado supostamente melhor. Isso não é atraente para amplos setores sociais e muito menos para os jovens, pois é percebido como um convite a continuar com a situação de deterioração e precariedade em que vivem.

Em outros países (como Colômbia, México, Chile, Honduras e agora Guatemala) essa disputa foi resolvida – pelo menos nas eleições presidenciais – em favor de governos populares, que buscam ampliar direitos e combater as desigualdades fortalecendo a esfera pública. Na Argentina parece estar acontecendo

⁵ Juan Grabois é um líder social e político argentino, fundador da União dos Trabalhadores da Economia Popular e da Frente Pátria Grande, além de membro do Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral do Vaticano. Foi pré-candidato à presidência na OPAS de 13 de agosto de 2023 pelo Unión por la Patria, obtendo 21,5% dos votos nessa frente política e quase 6% no geral.

o contrário e teremos que trabalhar com muita inteligência e empatia para reverter essa apropriação dos significados da mudança pela direita.

A socialização política das novas gerações em conjunturas de governos populares ou progressistas, como diz Pablo Stefanoni (2021), poderia explicar essas dinâmicas. Sendo percebidos como fracassados ou exaustos, eles buscam caminhos reativos para experiências que decepcionaram as expectativas sem assumir a responsabilidade pelo que causaram. Nos países da região mencionados, o processo foi diferente porque as alternativas que propunham ampliar direitos e combater as desigualdades chegaram a governos regressivos, autoritários e exaustos (ou percebidos como tal).

O voto em Milei não é apenas ideológico

De acordo com as análises e o trabalho empírico que realizamos, os eleitores de Milei nem sempre concordam com suas ideias e propostas. Isso se baseia em vários estudos e pesquisas e destaca as dimensões emocionais, da adesão empática e esperançosa (mesmo que seja baseada na raiva e na desilusão) e da afinidade subjetiva, em vez das de um voto programático ou ideológico. Mais uma vez, de uma adesão forjada nos níveis emocional e afetivo (os afetos comuns de que fala Chantal Mouffe) e isso não deve ser tão difícil de entender e incorporar, como apontam Pablo Semán e Nicolás Welschinger (2023) em um trabalho recente.

Podemos dizer que o apoio de Milei foi forjado em quatro etapas. Um, nas mobilizações a favor e contra a Lei de Interrupção Voluntária da Gravidez em 2018. Concordamos com Melina Vázquez (2023) que o núcleo duro de sua militância se constitui e se agrupa nessa conjuntura, por vezes recuperando afinidades e tradições anteriores (como a do UCeDe e a UPAU nos anos oitenta). Segundo a pandemia e os protestos de rua e digitais que ocorreram para expressar a rejeição às medidas de isolamento e controle de mobilidade, que, longe de serem entendidas como cuidado coletivo, foram decodificadas em termos de restrição de liberdades individuais e subjugação de vidas individuais pelo Estado. Terceiro, a situação eleitoral de 2021, quando Milei foi eleito deputado nacional. Isso é o que poderíamos chamar, seguindo Semán e Welschinger (2023), de segundo anel de adesões. Quatro, na campanha para as OPAS e depois, onde seus eleitores se expandem (expressando um voto transversal em nível de classe, territorial e geracional, embora menos gênero, como apontam Sergio Morresi e Martín Vicente, 2023) e surge um terceiro círculo que sustenta o resultado obtido nas primárias.

Já em 2021, um estudo de Zuban Córdoba aplicado a pessoas entre 16 e 30 anos mostrou que as políticas públicas de bem-estar material e simbólico tiveram alta adesão entre os jovens. Por exemplo, quase 80% apoiaram o PROGRESAR, um

percentual maior de AUH, 73% o Conectar Igualdad, 71% a legalização da cannabis para uso medicinal e as políticas de igualdade de gênero também receberam altas taxas de adesão. Quando os mesmos jovens foram questionados sobre seu apoio eleitoral ou político-partidário, as respostas foram muito mais dispersas, encontrando muitos jovens que expressaram sua preferência por Bullrich ou Milei e apoiaram as mesmas políticas que eles insultaram. É claro que a maioria delas não são políticas públicas novas, mas existem desde antes de 2015, mostrando sinais de esgotamento e falta de atualização ou inovação. Mas isso é outra questão.

No mesmo sentido, podemos analisar o discurso que o deputado nacional proferiu no domingo, 13 de agosto, após ser conhecido o resultado das eleições das OPAS. Assistindo e revisitando este discurso, chama a atenção que nos vários minutos em que Milei se dedica a injuriar a justiça social e a desqualificar a frase que propõe que “onde há necessidade, há direito” no auditório (que foi inscrito por convite e depois de passar por vários filtros) houve silêncio, as suas declarações não foram celebradas. As ovações voltaram quando ele retomou seus slogans contra a “casta” e o “deixe todos irem” foi revisitado.

Como disse uma pessoa que votou em Milei na OPASA em uma entrevista na televisão: “Não concordo com nenhuma de suas propostas e acho que ele faria um governo ruim, mas votei nele para dar um tapa na cara do sistema político, para mostrar que estamos fartos e que não vai mais longe”. Talvez a capacidade de articular ou catalisar esses vários tipos de adesão tão díspares e às vezes porosos seja um dos pontos fortes de Milei, como alertam Morresi e Vicente (2023).

Isso configura os três núcleos de adesão a Milei de que falam Semán e Welschinger (2023) e dois dos quais Vázquez (2023) se debruça.

Considerações Finais

Neste artigo, nos propusemos a compartilhar algumas pistas que ajudam a compreender a atual situação política, social e cultural na Argentina e, especialmente, as experiências juvenis que se configuram e reconfiguram nessa situação. Enunciar um problema é o primeiro passo para compreendê-lo e compreendê-lo é condição para superá-lo ou encontrar alternativas que reposicionem os termos do conflito. Neste texto tentamos fazer isso de forma empática, entendendo e não injuriando as realidades que contribuíram para a situação política que a Argentina vive hoje.

Por fim, acreditamos que é essencial intervir nas disputas de sentido e na batalha cultural e ideológica que estão sendo travadas na região e no mundo hoje. Uma parte importante das disputas atuais se desenrola nesses campos onde se resolvem significados, representações e aspirações com implicações políticas e sociais diretas

e imediatas. O termo “mudança” e os conflitos em torno do público (com as forças que buscam miná-lo, degradá-lo ou destruí-lo e os grupos que se colocam como seus defensores, mas nem sempre são consistentes com a construção de um público mais intenso e melhor – e comum) são exemplos dessas batalhas que precisam ser travadas.

Temos que ser capazes de mostrar que liberdade e igualdade não são termos contraditórios ou exclusivos (embora nas últimas décadas tenham sido apresentados dessa forma) e que as sociedades verdadeiramente livres são as mais igualitárias e as menos desiguais devem ser as mais livres para continuar no caminho da construção da igualdade. Dessa forma, estaremos em melhores condições de contribuir efetivamente para as batalhas intelectuais e culturais para construir consensos das comunidades e territórios que caminham para sociedades mais justas, igualitárias, livres e democráticas em nossa região e no mundo.

REFERÊNCIAS

ADAMINI, Marina. Espejismos laborales detrás de un gigante productivo: precarización del trabajo juvenil en el sector de software y servicios informáticos. *In: VOMMARO, Pablo; PEREZ, Ezequiel. Juventudes, democracia y crisis. Pandemia, post-pandemia y después.* Buenos Aires, Argentina: Grupo Editor Universitario, 2023.

ARCIDIÁCONO, Pilar, LUCI, Florencia. Sin lugar para los débiles. *Anfibia*, Buenos Aires, 08 jul. 2024. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/sin-lugar-para-los-debiles/>. Acesso em: 13 set. 2024.

CAMERATA, Sofia. **Experiencia de lxs trabajadores de reparto por aplicación: organizaciones y repertorios de acción en tiempos de pandemia y post pandemia (2020-2022)**. Buenos Aires: Informe final de Horas de Investigación 2023. Cátedra de Sociología de la Infancia, Adolescencia y Juventud, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Mimeo, 2023.

DUARTE QUAPPER, K. Mundos jóvenes, mundos adultos: lo generacional y la reconstrucción de los puentes rotos en el liceo. Una mirada desde la convivencia escolar. *Última década*, n. 16, p. 99-118, 2002.

ELMAN, Juan. Antiprogressismo y crisis de las élites: el ascenso de Javier Milei en clave global. *Cenital*, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://cenital.com/antiprogressismo-y-crisis-de-las-elites-el-ascenso-de-javier-milei-en-clave-global/>. Acesso em: 13 set. 2024.

FACULTAD DE PSICOLOGÍA DE LA UBA. **Salud Mental en Cuarentena. Relevamiento del impacto psicológico a los 7-11 y 50-55 días de cuarentena en población argentina.**

Buenos Aires, Argentina: Observatorio de Psicología Social Aplicada, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, 51 p., 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **El impacto del COVID-19 en la salud mental de adolescentes y jóvenes**. Panamá: UReport, 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **Estudio sobre los efectos en la salud mental de personas gestantes por COVID-19**. Buenos Aires: UNICEF, 2021.

FUNDACIÓN SES. **Sustentabilidad, Educación, Solidaridad. Sumar nos suma**. Buenos Aires, Argentina: SES, 2020.

GAMBINA, Julio. “Hay un contraste entre la venta de la marca Milei en el exterior y lo que pasa en la economía real de Argentina”. **Canal E**, Argentina, 24 jun. 2024. Disponible em: <https://www.perfil.com/noticias/canal-e/gambina-hay-un-contraste-entre-la-venta-de-la-marca-milei-en-el-exterior-y-lo-que-pasa-en-la-economia-real-de-argentina.phtml>. Acceso em: 13 set. 2024.

GRAÑA, Juan. ¿A qué mercado laboral nos dirigimos? **Tiempo argentino**, Buenos Aires, 13 jul. 2024. Disponible em: https://www.tiempoar.com.ar/ta_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/. Acceso em: 13 set. 2024.

GRIMSON, Alejandro. **Desquiciados. Los vertiginosos cambios que impulsa la extrema derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2024.

H Aidar, Julieta. La configuración del proceso de trabajo en las plataformas de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Un abordaje multidimensional y multi-método. **Informes de Coyuntura**, n. 11, p. 1-96, 2020. Disponible em: <https://iigg.sociales.uba.ar/2020/10/01/la-configuracion-del-proceso-de-trabajo-en-las-plataformas-de-reparto-en-la-ciudad-de-buenos-aires-un-abordaje-multidimensional-y-multi-metodo/>. Acceso em: 13 set. 2024.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de COVID-19. **Sin permiso**. Barcelona, 22 mar. 2020. Disponible em: <https://www.sinpermiso.info/textos/politica-anticapitalista-en-tiempos-de-covid-19>. Acceso em: 13 set. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Encuesta Permanente de Hogares (EPH)**. Buenos Aires, Argentina, 2024. Disponible em: <https://www.indec.gov.ar/indec/web/Institucional-Indec-BasesDeDatos>. Acceso em: 13 set. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**. Informes técnicos, n.184, v. 6. **Condiciones de vida**, n. 12, v. 6. Buenos Aires, Argentina, 2022. Disponible em: https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_09_2223ECC71AE4.pdf. Acceso em: 13 set. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Condiciones de vida. Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**, n. 4, v. 5. Buenos Aires, Argentina, segundo semestre de 2020. Disponible em: https://www.indec.gob.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_02_2082FA92E916.pdf. Acesso em: 13 set. 2024.

LÓPEZ MOURELO, Elva; PEREYRA, Francisco. El trabajo en las plataformas digitales de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Estudios Del Trabajo. **Revista de la Asociación Argentina de Especialistas en Estudios del Trabajo (ASET)**, n. 60, 2020. Disponible em: <https://ojs.aset.org.ar/revista/article/view/90>. Acesso em: 13 set. 2024.

MORÁN FAÚNDES, José Manuel. ¿Cómo cautiva a la juventud el neoconservadurismo? Rebeldía, formación e influencers de extrema derecha en Latinoamérica. **Methaodos. Revista De Ciencias Sociales**, v. 11, n.1, 2023. Disponible em: <https://www.methaodos.org/revista-methaodos/index.php/methaodos/article/view/649>. Acesso em: 13 set. 2024.

MORRESI, Sergio; VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *In*: SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2023.

MURUAGA, Ignacio. Buscar juguetes nuevos. Insatisfacción democrática, comprensión política, expectativas y frustraciones. Algunas reflexiones en esta columna sobre lo que dejaron las PASO. **El Resaltador**, Argentina, 27 ago. 2023. Disponible em: <https://elresaltador.com.ar/buscar-juguetes-nuevos/>. Acesso em: 13 set. 2024.

OBSERVATORIO DE LA DEUDA SOCIAL ARGENTINA. **Un final anunciado: más pobres, pobres más pobres y más desiguales**. Buenos Aires, 2024, 45 p. Disponible em: https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota_Investigacion_5_07.pdf. Acesso em: 13 set. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **Los jóvenes y la pandemia de la COVID-19: efectos en los empleos, la educación, los derechos y el bienestar mental**. OIT: 2020a, 61 p. Disponible em: <https://reliefweb.int/report/world/los-j-venes-y-la-pandemia-de-la-covid-19-efectos-en-los-empleos-la-educaci-n-los>. Acesso em: 13 set. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **El trabajo en las plataformas digitales de reparto en Argentina: análisis y recomendaciones de política**. OIT: Buenos Aires, Argentina, 2020b, 106 p.

PALENZUELA, Yadira. Participación social, juventudes, y redes sociales virtuales: rutas transitadas, rutas posibles. **Última Década**, v. 26, n. 48, p. 3-34, 2018. https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362018000100003

REINA, Santiago. Casi 140.000 asalariados formales perdieron su empleo en los primeros 5 meses de la era Javier Milei. **Ámbito**, Buenos Aires, 20 jul. 2024. Disponible em: <https://www.ambito.com/economia/casi-140000-asalariados-formales-perdieron-su-empleo-los-primeros-5-meses-la-era-javier-milei-n6031029>. Acceso em: 13 set. 2024.

RIVERA-AGUILERA, Guillermo; BARRA-ELTIT, Isidora De la; RIEUTORD-ROSENFELD, Camille. Juventudes y nuevas expresiones de sindicalismo en Chile: el caso de la comida rápida. **Polis**, Santiago, v. 22, n. 65, p. 151-194, 2023. Disponible em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nrm=iso. Acessado em: 13 Set 2024. <http://dx.doi.org/10.32735/s0718-6568/2023-n65-1863>.

SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Siglo XXI, 2023.

SEMÁN, Pablo, WELSCHINGER, Nicolás. 11 Tesis sobre Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/11-tesis-sobre-milei/>. Acceso em: 13 set. 2024.

SOCIEDAD ARGENTINA DE PEDIATRÍA. **El estado emocional de las/os Niñas/os y adolescentes a más de un mes del aislamiento social, preventivo y obligatorio**. Buenos Aires, 2020.

STANDING, Guy. **El precariado: una nueva clase social**. Barcelona: Pasado & Presente, 2013.

STEFANONI, Pablo **¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio)**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

VÁZQUEZ, Melina. Los Rappi de Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 10 jul. 2023. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/los-rappi-de-milei/>. Acceso em: 13 set. 2024.

VOMMARO, Pablo. El gobierno de Milei en la Argentina: pistas para comprender un resultado que no vimos venir. **Revista Foro**. Bogotá, 2024. En prensa.

VOMMARO, Pablo. Muy hablados, poco escuchados. **Anfibia**, Buenos Aires, 31 oct. 2023. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>. Acceso em: 13 set. 2024.

VOMMARO, Pablo (coord.). **Experiencias juveniles en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2022.

ZUBAN CÓRDOBA. Voto joven: ¿Cómo se encuentra el oficialismo y la oposición frente a este electorado? **Política argentina**. Buenos Aires, Argentina, 17 jul. 2021. Disponible em:

*Expressões políticas do mal-estar juvenil:
abordagens exploratórias da situação na Argentina nos últimos anos*

<https://www.politicargentina.com/notas/202107/38318-voto-joven-como-se-encuentra-el-oficialismo-y-la-oposicion-frente-a-este-electorado.html>. Acesso em: 13 set. 2024.

Submetido em: 11/08/2024

Aprovado em: 10/09/2024